

A formação da burguesia no Brasil na perspectiva de Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodr 

Anderson Deo

Como citar: DEO, A. A forma o da burguesia no Brasil na perspectiva de Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodr . *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acad mica, 2007. p. 269-272.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p269-272>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva,   publicado sob a licença Creative Commons Atribui o-NãoComercial-SemDeriva es 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A formação da burguesia no Brasil na perspectiva de Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodrê

Anderson Deo*

A produção teórica de Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodrê está diretamente vinculada à atividade política que ambos exerceram. Durante suas trajetórias, buscaram compreender a realidade histórico-social de seu tempo, com o objetivo de orientar sua *praxis* de militantes – individual e coletiva – no campo da esquerda comunista brasileira.

No prefácio de *História da Burguesia Brasileira*, Werneck Sodrê deixa claro que todo esforço de interpretação por ele elaborado tem como objetivo contribuir para a compreensão e o desenvolvimento da “Revolução Brasileira”. Assim também o faz Caio Prado em *A Revolução Brasileira*, quando aponta a necessidade de uma real interpretação da conjuntura atual e do processo histórico que a engendrou, para que se possa dar respostas às questões que se colocam na atualidade histórico-social brasileira.

Sendo assim, a análise e a compreensão da gênese histórica que produziu o complexo sociometabólico brasileiro em sua particularidade, será um dos pontos de partida para a teoria social dos autores.

Como bem nos esclarece Luciano Gruppi, Lênin é o responsável pela teorização das vias nacionais de desenvolvimento do capitalismo. Ao analisar o desenvolvimento capitalista na Rússia, Lênin constata que esse desenvolvimento se articula com o modo de produção feudal, ainda presente no país, com a economia rural “(...) de um modo que é apenas russo e que constitui a originalidade daquela situação”. A partir dessa análise, compreende que a forma como o modo de produção universal do capital se efetiva na realidade concreta, vai depender da articulação deste com as particularidades nacionais onde se efetiva, originando novas singularidades. Dessa análise resulta o conceito de “via prussiana”.

Percorrendo o mesmo escopo teórico, é a partir da análise concreta de nossa gênese histórica que, tanto Caio Prado, como Werneck Sodrê, buscam compreender a particularidade do *complexo de complexos* que constitui a totalidade econômico-social brasileira. Ambos afirmam que vários elementos presentes na forma de organização de nossa sociedade são heranças de nosso processo histórico, e que para compreender tal realidade, necessitamos voltar os esforços analíticos para nossas origens.

Para apreendemos o caráter da Burguesia Brasileira, bem como seus contornos atuais, temos de nos debruçar sobre o processo histórico que deu origem a esta classe social, no interior da malha de relações econômico-sociais desenvolvidas no processo de objetivação do capitalismo no país – via nacional/particular.

* Doutorando em Ciências Sociais – FFC – UNESP – Marília.

Segundo Werneck Sodré a história econômica do Brasil pode ser dividida em quatro fases conexas: a primeira fase, denominada *Economia Colonial*, compreende o momento inicial da ocupação efetiva do território por Portugal, se estendendo até o momento de estagnação da mineração (1550-1780); a fase seguinte é denominada *Integração da Economia Mundial* (1780-1850), momento de grave crise que gerou um retrocesso na forma de organização sociometabólica brasileira; a terceira fase diz respeito à *Elaboração da Economia Nacional*, momento em que o café passa a ser o maior gerador de riquezas no Brasil (1850-1920); na quarta fase temos a *Estruturação da Economia Nacional*, onde a burguesia, progressivamente, alcança o poder político e econômico no país (1920-...).

Para Sodré, a primeira fase se caracteriza como uma "sociedade transplantada". As estruturas aqui criadas pelos colonizadores lançam as bases de uma forma de organização social totalmente diversa das existentes até então. A implementação da cana-de-açúcar, da mão-de-obra escrava e da produção em larga escala voltada ao consumo no mercado externo, dão origem ao Sistema Escravista, próprio dessa etapa inicial. O autor aponta para as diferenças dessa forma de escravismo em relação as formas clássicas (Roma Antiga, por exemplo), inserindo a discussão no contexto histórico da constituição do mercado mundial.

Já na segunda fase há um "retrocesso" do ponto de vista da organização social e econômica internas. A forma feudal de organização econômica ganha força. Na fase anterior esta se faz presente nas "franjas" do sistema escravista, ou seja, nas regiões interioranas, onde a produção açucareira não encontra espaço, seja por condições ecológicas, ou por questões de logística (transporte, por exemplo), encontramos núcleos de povoamentos que podem ser analisados, segundo o autor, a partir da lógica feudal (principalmente as áreas onde se desenvolve a pecuária – denominadas genericamente "sertão").

No entanto, essa forma de organização passa a se expandir pelo interior do país devido à estagnação da produção açucareira, na segunda metade do século XVII e, também, à crise da economia mineradora, na segunda metade do século XVIII. Um dos efeitos da estagnação seria esta "regressão feudal", que passou a se desenvolver na região vicentina, na área amazônica, na região pastoril sulina, na própria região mineradora (pós-crise), além do antigo sertão nordestino. Porém, o autor esclarece que este processo de passagem para o feudalismo se diferenciou substancialmente do processo europeu.

A terceira fase corresponde ao período em que as relações capitalistas de produção passaram a se desenvolver no país. Como o próprio Sodré afirma, estas novas relações são produzidas a partir das reformas do final do século XIX (*Encilhamento e Funding Loan*), onde teremos os "primeiros vagidos" de um capitalismo nascido de "parto difícil". É no contexto da Proclamação da República e da Abolição da Escravatura, que as condições para uma acumulação interna de caráter capitalista vão ser produzidas. O período denominado de "República Velha" corresponde à infância desse modo de produção, onde a constituição de um mercado interno, e sua respectiva mão-de-obra assalariada, serão as condições essenciais para tais transformações.

É a partir da "Revolução de 1930" que a burguesia passa a assumir o comando definitivo da nação, afastando os antigos grupos rurais do poder. Essa opção da burguesia brasileira se consolida em 1937, com o Estado Novo, onde um novo projeto econômico para o Brasil será

implementado, tendo como mote principal a industrialização de nossa economia. Esse período corresponde à quarta fase da evolução econômica apontada por Werneck Sodré. Seria esse o momento da Revolução Burguesa no Brasil.

Sendo assim, o autor conclui que o capitalismo começa a ser gerado no Brasil a partir da terceira fase de desenvolvimento econômico, onde passamos por um processo de "acumulação primitiva", e de criação da mão-de-obra assalariada. Essa etapa se consolidaria com o Golpe de Estado de 1930. É nesse momento que a Classe Burguesa passa a se constituir e se consolidar internamente, trazendo consigo todas as contradições de uma ordem econômico-social pautada no desenvolvimento agrícola, ao mesmo tempo que apresenta novos elementos, constituindo um "mosaico" social próprio da particularidade brasileira. Segundo Sodré, essa heterogeneidade é uma marca que persiste na sociedade brasileira:

[...] o Brasil arcaico nos cerca por todos os lados; o latifúndio persiste, resiste, abalado mas sobrevivendo a tudo. As alterações agrárias processam-se pela duríssima **via prussiana**²: todos os dias estamos assistindo episódios, choques e escândalos dessa via tortuosa, que inflige sofrimento e miséria às massas camponesas, mantidas em secular atraso [...].

O autor aponta criticamente os equívocos das análises que consideram as relações econômico-sociais do período colonial como autenticamente capitalistas (*capitalismo colonial*), assim como o erro de tomar o sistema escravista como um modo de produção exclusivamente original.

A análise de Caio Prado Júnior parte do pressuposto que a economia colonial nasce como um prolongamento, uma extensão da economia metropolitana. Nesse sentido, o Brasil "surge" economicamente como um apêndice produtor de mercadorias, no contexto da criação do mercado mundial e da expansão do comércio. Ou em outras palavras, o território colonial está totalmente integrado à lógica do capitalismo comercial (fase da acumulação primitiva) que se estende do século XV ao XVIII, cumprindo a função de apêndice econômico, fornecedor de gêneros tropicais e produtos agrícolas às economias metropolitanas.

Essa lógica passaria por algumas mudanças no período da emancipação política. A partir da chegada da Família Real, em 1808, as estruturas político-administrativas são modificadas, dando feições de autonomia à colônia brasileira, autonomia esta que se consolidaria politicamente em 1822.

As mudanças implementadas não afetaram a estrutura do país, ou seja, foram mudanças na forma, na aparência, e não no conteúdo, na essência. A partir dessa constatação, Caio Prado conclui que o *Sentido da Colonização* permanece o mesmo. A economia permanece vinculada aos mercados externos, como um apêndice produtor, subordinado às variações e fluxos das economias centrais.

No que diz respeito a formação da burguesia, aponta que os proprietários rurais que aqui se estabelecem, já na fase colonial, desempenham a função econômica de uma burguesia ligada à fase mercantil do capitalismo. Afirma que, no Brasil, não houve distinções sócio-econômicas entre burguesia e grandes proprietários de terras. Pelo contrário, em muitas das vezes são, inclusive, as mesmas pessoas. Ou seja, se constituem como indivíduos sociais pertencentes

² O grifo é nosso. É importante salientar que, Nelson Werneck Sodré é o primeiro a utilizar o conceito de via prussiana, na tentativa de compreensão da questão agrária no Brasil.

a uma mesma classe econômica, fracionada em setores produtivos específicos; a burguesia. Como nos aponta Caio Prado:

Nada há, em conclusão, nos grandes proprietários brasileiros, e isso tanto mais acentuadamente quanto seu nível financeiro é mais elevado, que os distinga e caracterize como categoria econômica e social à parte. E assim nada autoriza separar, e muito menos extremar e isolar na estrutura sócio-econômica brasileira, uma classe característica e bem diferenciada de "latifundiários" contrastantes com a burguesia e ligada a relações de produção de natureza distinta e específica. Trata-se num e noutro caso de igual categoria social, e no mais das vezes até nos mesmos indivíduos, homens de negócio que aplicam seus recursos e iniciativas tanto em empreendimentos agropecuários como em outros setores, ao sabor unicamente das oportunidades ensejadas e da lucratividade esperada.

Sendo assim, podemos afirmar que Caio Prado nega enfaticamente a existência de um modo de produção escravista, assim como possíveis formas feudais, na organização histórico-social do Brasil.

Diante do exposto, podemos concluir que existem diferenças cruciais na forma como estes dois autores compreendem o processo histórico brasileiro, e o nascimento da burguesia que este gerou. No entanto, ambos apontam – através de caminhos teóricos distintos – o caráter tardio no desenvolvimento do modo de produção capitalista brasileiro. Como dito acima, Wernick Sodré é o primeiro a destacar o caráter prussiano no qual se insere o desenvolvimento agrário em nosso território, bem como, a permanência de antigos contornos histórico-sociais na atualidade de seu tempo. Já Caio Prado, afirma que apesar da autonomia política, o *Sentido da Colonização* permanece, os fundamentos estruturais de nossa formação não se alteram, reafirmando-se no presente.

É nesse contexto que se insere a discussão do conceito e do caráter da Revolução Burguesa no Brasil. Segundo Florestan Fernandes, existe uma variação muito grande entre dominação burguesa e transformação capitalista, sendo que no caso brasileiro, este processo teria se efetivado a partir de um modelo "autocrático-burguês". Este teria como características básicas: a via passiva de transformação, a ausência da participação dos trabalhadores no processo e uma articulação entre as classes economicamente dominantes – no caso brasileiro os antigos representantes do setor agrário e os novos representantes do setor urbano-industrial.

Não temos a pretensão de estabelecer pontos finais à discussão.² Nesse sentido buscaremos a contribuição de autores que discutiram – e discutem – as mesmas questões ao longo do século XX. É nesse século que o capitalismo se consolida no país, e o caráter da burguesia brasileira assume contornos que podem contribuir para a compreensão de sua gênese histórica. Sendo assim, os elementos mais desenvolvidos do processo histórico, podem nos oferecer a "chave da compreensão" dos elementos menos desenvolvidos.

O diálogo teórico entre os autores, a respeito da temática apontada por nosso trabalho, tem a finalidade de contribuir para o debate, no sentido da compreensão de antigas polêmicas, suscitando novas dúvidas e futuros esclarecimentos.

² Como bem aponta Sodré a questão dos modos de produção no processo de desenvolvimento histórico do Brasil: "[...] constituem questões abertas, que só poderão ser assim encaradas e que exigem o debate e a crítica. O resultado mais próximo da verdade histórica será alcançado pelo somatório das contribuições; não será, certamente, resultado de intuição genial de um estudioso ou de um pequeno grupo de estudiosos [...]".